

O que faz a Filosofia na infância?

*Nós, antes de fazermos uma pergunta difícil,
temos poucas dúvidas... e depois temos mais.*

MAGDA COSTA CARVALHO



Nasceu no Faial, em 1976, mas vive em São Miguel desde 2001. Licenciada e Doutorada em Filosofia, é professora na Universidade dos Açores. É Diretora do Mestrado em Filosofia para Crianças e também do NICA-UAC: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente da Universidade dos Açores. É formada em Filosofia para Crianças no Reino Unido. Tem publicado livros e artigos nas suas áreas de especialidade.

O PROJETO

É da Inês a frase de abertura.

A Inês é uma menina de 9 anos que frequenta uma escola do 1.º ciclo no distrito de Mação, em Portugal continental. Na escola da Inês há sessões regulares de Filosofia para Crianças, orientadas por uma professora formada na área pela Universidade dos Açores (UAc).

Na sua totalidade, são já 33 os profissionais, de Portugal e do estrangeiro, que terminaram o curso de estudos pós-graduados em Filosofia para Crianças pela UAc. Esta instituição de Ensino Superior é a única do país a oferecer uma formação estruturada na área, e, para além dela, apenas a Universitat de Girona (Catalunha) oferece um curso em moldes semelhantes.

Entre 2013 e 2016, a formação em Filosofia para Crianças da UAc teve a estrutura de uma Pós-Graduação, decorrendo durante um ano letivo completo (dois semestres). A partir de 2016, o curso constituiu-se como Mestrado (devidamente acreditado pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior), acrescentando ao plano curricular um segundo ano para a realização de uma tese.

Tal como aconteceu na Pós-Graduação, o Mestrado em Filosofia para Crianças funciona em regime de *b-learning* (*blended-learning*), o que significa que as aulas acontecem numa plataforma *online*, gratuita para os alunos da UAc (sempre em horário pós-laboral). Para participarem, basta que os alunos tenham um dispositivo (computador, *tablet* ou telemóvel) ligado à internet. Para além disso, o Mestrado utiliza uma plataforma para atividades assíncronas que permite realizar momentos de partilha e de aprendizagem fora do horário regular das aulas.

Este modelo de funcionamento tem permitido acolher alunos de diferentes proveniências, projetando a investigação feita na UAc muito para além das fronteiras da ilha, da Região e, até, do país. No primeiro ano de funcionamento o curso acolheu 90% de alunos açorianos (apenas 10% a residir em São Miguel), no segundo ano 56% e no terceiro 50%, para, em 2016/2017, ser já inferior a percentagem de alunos açorianos em relação aos residentes fora do arquipélago (43%!).

A natureza interdisciplinar do curso tem-lhe permitido captar o interesse de pessoas com formações iniciais diversas (filosofia, educação, psicologia, português, biologia, artes, matemática), contribuindo para promover grupos de trabalho dinâmicos e multifacetados.

AS PERGUNTAS

Mas o que é ao certo a Filosofia para Crianças?

A resposta é demorada, mas começemos pelo princípio: fazer perguntas. Assim tão simples e assim tão complexo. Grande parte do trabalho da Filosofia para Crianças consiste na atividade de fazer (e convidar a fazer) perguntas.

As perguntas, que sempre foram as pérolas preciosas dos filósofos, são também um dos brinquedos favoritos da infância. As crianças perguntam como quem brinca e, quando brincam, fazem-no muito a sério. Por isso, as suas perguntas não são distrações frívolas. São coisa grave e importante. A Filosofia para Crianças acolhe essas perguntas e dá-lhes berço, o mesmo é dizer, mostra como se pode embalar as perguntas, cuidar delas, conviver com os desassossegos que as habitam.

Perguntar pode ser das atividades mais inquietantes em que o ser humano se envolve, seja em que idade for. Uma pergunta é capaz de desalinhar uma certeza nunca questionada, mas também de revelar mundos inteiros de sentidos nunca antes suspeitados.

E, na Filosofia para Crianças, responder pode até nem ser o que de mais importante se faz com as perguntas. O objetivo não é apresentar soluções feitas para entregar às crianças, respostas que as deixem quietas (e, aos adultos, sossegados!). Pelo contrário, a Filosofia acolhe e celebra a inquietude. Numa sessão de Filosofia para Crianças aceita-se que o mundo pode ser conhecido através das perguntas das crianças e dos adultos (que também as têm e fazem, com a mesma gravidade e importância das brincadeiras infantis).

Mas, como muito bem se sabe, há perguntas e *perguntas*. Há perguntas mais simples e inócuas (pedidos de informação, perguntas retóricas, etc.) e há também as perguntas que nos habitam enquanto seres humanos. São estas que aproximam as crianças e os filósofos. *Como posso ter agora a certeza de que não estou a sonhar?*, perguntava Descartes numa das muitas obras que escreveu no século XVI, e também perguntou o Gaspar numa sessão de Filosofia para Crianças em 2016. A mesma inquietação humana.

As perguntas filosóficas são como noivas à janela que já tiveram muitas propostas (respostas!) de casamento, mas nunca se entregaram. São ditas *sumarentas* precisamente porque não se querem definitivas, mas provocadoras. Provocadoras de mais perguntas, de outras dúvidas. O convívio com a Filosofia não é um casamento com o que já sabemos, mas um namoro permanente com o que não está feito, com o impulso (amoroso) para o saber. E, por isso, as perguntas sumarentas são as que continuam à janela, a desafiar quem passa na rua, a seduzir os apaixonados.

E, por isso, a Inês dizia que a pergunta filosófica era a pergunta *difícil*, a pergunta incómoda e exigente. A pergunta *faz-se* difícil, como a noiva à janela. E é precisamente assim que apaixona intensamente qualquer ser humano. Quando isso acontece, a Filosofia torna-se palco de encontros e coloca adultos e crianças num mesmo afã questionador.

A COMUNIDADE

Mas as perguntas, só, não chegam. Na Filosofia para Crianças há uma rede de procedimentos intencionalmente preparados para promover determinados modos de pensar.

A Filosofia para Crianças parte de uma atitude pedagógica que implica conceber o espaço educativo de acordo com dois pressupostos epistemológicos de base: o equilíbrio cognitivo entre todos os envolvidos e o conhecimento enquanto construção social. Estes pressupostos consubstanciam-se numa infraestrutura designada comunidade de *investigação filosófica*, espaço educativo em que decorrem as sessões¹.

O equilíbrio cognitivo entre todos procura materializar-se na própria ideia de comunidade. As perguntas filosóficas são feitas *em comunidade*, o que significa que não são dirigidas ao professor como figura tutelar do conhecimento, mas a todos os que estão presentes. Num espaço preferencialmente em círculo, em que não há posições físicas de destaque porque todos se sentam ao mesmo nível, fala-se no grupo, com o grupo e como um grupo. Cada um partilha ideias que, começando por serem suas, são colocadas no espaço comum do diálogo e da reflexão.

Não é o professor que pergunta o que já sabe, aguardando que os alunos se juntem a ele. São todos, professor e alunos, que acolhem perguntas filosóficas e procuram descobrir-lhes o significado, detetar inconsistências, colocar hipóteses ou matizar sentidos.

A comunidade de investigação vive da tensão entre a diversidade dos seus membros e a identidade da sua voz. Excluem-se a hegemonia e a conformidade, pois não se trata de catequisar ou doutrinar o pensamento num sentido único. Procura-se o entendimento, mesmo na presença de discordância entre posições distintas. Pensar em comunidade constitui uma aprendizagem contínua, sendo necessário funcionar à semelhança de um organismo, em que todas as partes harmonizam as suas funções, mesmo que tenham configurações substancialmente distintas.

A razão para esta atitude pedagógica prende-se com o segundo pressuposto que acima enunciamos: na comunidade de investigação, o conhecimento é entendido como prática social. Não é popular o dito de que “duas cabeças pensam melhor do que uma”? Na comunidade, as ideias são construídas e reconstruídas pelo crivo da razão pública (ou coletiva), que as recebe, esmiúça e reconstrói, devidamente esclarecidas e fundamentadas.

1 Sem querermos entrar em demasiadas referências teóricas, referimo-nos à Filosofia para Crianças tal como foi concebida pelos seus criadores, Matthew Lipman (1922-2010) e Ann Margaret Sharp (1942-2010). Na década de 70 do século XX, Lipman e Sharp fundaram, nos E.U.A., o Institute for the Advancement of Philosophy for Children, concebendo o programa de Filosofia para Crianças como um currículo completo que se estende da educação pré-escolar até à educação de adultos. Hoje, este currículo sofreu já várias adaptações, e os materiais pedagógicos diversificaram-se. No entanto, as linhas gerais da proposta inicial continuam a aglutinar muitos especialistas e praticantes de todo o mundo.

Neste contexto, em 2007, a UNESCO publicou o documento *La filosofía: una escuela de la libertad*, afirmando que a educação filosófica é fundamental para fomentar uma cultura de paz no mundo. O diálogo é o centro nevrálgico da experiência filosófica, firmando o compromisso da comunidade de investigação para com os valores humanistas da civilização democrática. É por isso que a Filosofia para Crianças promove uma interação multidirecionada entre todos os membros da comunidade e recusa a bidirecionalidade instituída na escolaridade tradicional (em que toda a comunicação deve passar pela autoridade do professor).

O que acontece na comunidade é *investigação*, no sentido mais próprio do conceito: *in-vestigare*, “procurar ou ir atrás dos vestígios em alguma coisa”. Tal como fazem os detetives, face a um mistério por desvendar, os praticantes do diálogo filosófico em comunidade acolhem perguntas e pesquisam pistas, constroem exemplos que validam hipóteses ou encontram contraexemplos que as infirmam, definem conceitos fundadores ou problematizam pressupostos. Reconstroem um caminho de pensamento a que a comunidade pode sempre regressar e repensar crítica e criativamente.

Crianças e adultos experienciam a riqueza, mas também a dificuldade de pensar como uma comunidade. A autorregulação do grupo previne erros de enviesamento do pensamento para os quais o solipsismo do indivíduo pode resvalar. Por isso, na Filosofia para Crianças muda-se de ideias sempre que isso se torna necessário, mas não sem que antes tenham sido devidamente investigadas. Se a comunidade não encontra motivos para aceitar uma ideia, deixa-a ir com a mesma facilidade com que acolhe um pensamento revigorado por novas razões.

A tarefa da Filosofia para Crianças começa com as perguntas, insuflando-lhes depois a intencionalidade e o propósito do pensamento reflexivo, mas não se encerra aí.

PENSAR SOBRE O PENSAR E... AGIR

O ser humano caracteriza-se, de uma forma ou de outra, pela especificidade da sua atividade mental, ou *pensamento* (na aceção mais lata e multifacetada do termo). Contudo, da mesma forma que somos todos capazes de correr mas poucos se tornam campeões olímpicos, o pensamento espontâneo também pode ser intencionalmente trabalhado.

Na origem da palavra “refletir” encontramos indícios do que implica, em termos filosóficos, trabalhar intencionalmente o pensamento: o prefixo “re” significa “outra vez”, ou “novamente”, indicando precisamente a necessidade de retomar aquilo que já foi fletido ou, neste caso, pensado. Refletir é pensar de novo, recuperar o que já foi proferido, debruçar-se uma e outra vez sobre uma ideia que, assim, deixa de ser a mesma e se desdobra em diferentes configurações.

Numa metáfora geométrica, podemos afirmar que este exercício de retomar o pensamento, de nos demorarmos nas ideias que tivemos, aproxima-se mais de uma marcha em espiral do que de um caminho em linha reta. A Filosofia para Crianças adota a depuração própria da atividade reflexiva e, por isso, a investigação que se produz na comunidade concentra-se sobretudo nas descobertas do pensamento ao longo do percurso, e não tanto nas conclusões sobre os temas abordados.

O tempo da comunidade de investigação é diferente do ritmo frenético das modernas sociedades de consumo ou do tempo voraz da inovação tecnológica. É um tempo que se demora nas palavras e nas coisas, tanto quanto elas pedem que nos demorem. É esta duração que, filosoficamente, permite esclarecer e fundamentar o pensamento, depurar as suas fragilidades e dar voz às potencialidades escondidas, para que amadureçam. Como dissemos, as crianças são perguntadoras exímias, mas não basta perguntar. É necessário demorarmo-nos no pensamento que as perguntas instalam e esse é o tempo da Filosofia para Crianças. Não um ritmo de resultados, mas uma cadência de processos de pensamento.

Técnicamente, esta dimensão da prática filosófica é designada como “metacognição”, significando que o pensamento adota-se a si próprio como objeto de estudo. É uma dimensão fundamental na Filosofia para Crianças, uma vez que se considera que é só quando pensamos, em comunidade, sobre o pensamento que nos tornamos capazes de corrigir lacunas nos argumentos, bem como de autorregular os critérios de validação de determinadas posições.

Neste contexto, os membros da comunidade de investigação são convidados a nomear as atividades mentais em que se envolvem à medida que as praticam: *não concordo com o que dizes e vou dar-te um contra exemplo; é muito interessante a tua ideia, mas não estás ainda a apresentar uma definição; a hipótese que colocas fez-me pensar de modo diferente...* Com estas e com outras ferramentas de pensamento, o diálogo afirma-se sempre a dois níveis: o substantivo (o assunto em discussão) e o procedimental (os procedimentos de pensamento). As ideias valem pelos novos destinos temáticos que dão a conhecer, mas também pelas mudanças que operam nos sujeitos, tornando-os sempre diferentes e renovados. Na comunidade de investigação o desafio do conhecimento (e do *meta-conhecimento*) é permanente, para crianças e adultos.

Em estreita conexão com este exercício metacognitivo situa-se o envolvimento entre o pensamento e a ação. A par com a fundamentação do pensamento, a Filosofia para Crianças compromete-se com a promoção da coerência do agir. Neste sentido, convém reforçar que a comunidade de investigação não se deve reduzir a uma pedagogia de desenvolvimento de competências cognitivas (ainda que algumas vezes possa ser apresentada como tal). É, antes, um exercício mais vasto de humanização que escolhe a razão crítica e criativa como instrumento para pensar e agir no mundo de forma consciente e comprometida.

E é por isso que as paredes da sala de aula são demasiado limitadas para conter tudo o que acontece num tempo letivo em comunidade de investigação filosófica (em muitos contextos nacionais e internacionais a Filosofia para Crianças é praticada fora das escolas, nos mais diferentes ambientes de educação informal). O que está em jogo num diálogo filosófico em comunidade de investigação não se cinge à nossa função enquanto alunos ou professores, mas respeita a natureza especificamente humana que nos constitui e que é comum a ambos. As perguntas que se ouvem na Filosofia para Crianças ilustram bem esta ideia: *Será que há um sentido da vida para todos ou vários sentidos da vida? É possível viver sem a imaginação? Todos os seres humanos são pessoas, mas será que todas as pessoas são seres humanos? Será que o tempo tem fim?*

Para além disso, o diálogo da comunidade de investigação adquire dimensões que vão muito para além da prática argumentativa, envolvendo um horizonte de questionamento de matriz ética e, até, política. Quando me empenho na investigação sobre um conceito configurador da existência humana, como a vida, o tempo ou a imaginação, ponho em causa decisões sobre o tipo de pessoa que quero ser e, até, sobre o mundo em que quero viver (e que, assim, escolho construir).

Matthew Lipman e Ann Sharp não pensaram a Filosofia para Crianças como um laboratório ou como um ensaio da vida real. Conceberam a comunidade de investigação filosófica como uma abordagem do pensamento que fosse já um exercício comprometido do pensar; uma abordagem da democracia que fosse já uma vivência democrática; uma abordagem da filosofia que fosse já filosófica. O legado que deixaram a todos os que, hoje, nos mais diferentes contextos geográficos e culturais, continuam a insistir na necessidade de aproximar a Filosofia e a Infância prende-se, sobretudo, com a ideia de que pensar só vale a pena se for, sempre, mais do que apenas pensar.